A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM: INTERAÇÕES, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, NEURODESENVOLVIMENTO E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS

SAMARA SOUZA ARAÚJO

RESUMO
O desenvolvimento da linguagem na primeira infância constitui um dos principais alicerces do desenvolvimento humano, influenciando diretamente os processos cognitivos, socioemocionais e educacionais da criança. Evidências científicas apontam que desigualdades linguísticas têm origem precoce e estão fortemente relacionadas à qualidade das interações vivenciadas desde os primeiros anos de vida. Este artigo, de natureza teórico–empírico-reflexiva, tem como objetivo analisar o papel da leitura compartilhada e das interações linguísticas no desenvolvimento da linguagem de crianças desde o nascimento até a fase final da Educação Infantil. Fundamentado em estudos nacionais e internacionais, em documentos normativos brasileiros, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Currículo da Cidade de São Paulo, e na experiência profissional da autora como psicopedagoga e professora da Educação Infantil, o texto discute práticas pedagógicas intencionais — leitura desde o berçário, rodas de conversa, cantigas, narrativas orais e mediação familiar — como estratégias centrais para a ampliação do repertório linguístico e para a prevenção de desigualdades educacionais. O artigo também problematiza os impactos do uso excessivo de telas e da redução das interações sociais no desenvolvimento da linguagem e no neurodesenvolvimento infantil. Conclui-se que a promoção de ambientes linguísticos ricos, baseados em interações humanas significativas, constitui estratégia essencial para o desenvolvimento integral da criança e para a construção de trajetórias educacionais mais equitativas desde a primeira infância.
PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil; desenvolvimento da linguagem; leitura compartilhada; neurodesenvolvimento; psicopedagogia.

1 Introdução

Os primeiros cinco anos de vida constituem um período decisivo para o desenvolvimento humano, caracterizado por intensas transformações neurológicas, cognitivas, emocionais, sociais e linguísticas. A linguagem, nesse contexto, não se restringe à comunicação verbal, mas organiza o pensamento, estrutura a compreensão do mundo e sustenta as interações sociais ao longo da vida. As experiências linguísticas vivenciadas desde o nascimento exercem influência direta sobre a aprendizagem, a participação social e o desenvolvimento integral da criança.

A Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, ocupa um lugar estratégico na promoção dessas experiências. É nesse período que se estabelecem as bases da linguagem oral, da consciência linguística e das habilidades precursoras da alfabetização. Pesquisas na área do desenvolvimento infantil indicam que desigualdades linguísticas emergem precocemente e tendem a se ampliar ao longo da infância, impactando o desempenho escolar, a participação social e as trajetórias educacionais (HART; RISLEY, 1995; GREENWOOD et al., 2017).

No cotidiano da Educação Infantil, enquanto psicopedagoga e professora da rede pública municipal de São Paulo, observa-se que as oportunidades de interação verbal oferecidas às crianças são profundamente desiguais. Algumas crianças chegam à escola com amplo repertório linguístico, habituadas a ouvir histórias, participar de conversas dialogadas, cantar cantigas e vivenciar práticas de leitura em seus contextos familiares. Outras, entretanto, apresentam vocabulário restrito, pouca iniciativa comunicativa e dificuldades na organização da fala, reflexo de contextos marcados pela ausência de práticas leitoras, pela escassez de diálogo e pela substituição das interações humanas pelo uso excessivo de dispositivos digitais.

Estudos recentes têm demonstrado que crianças que crescem em ambientes caracterizados por pouca conversa, linguagem predominantemente diretiva ou negativa, rotinas pouco previsíveis e ausência de leitura compartilhada acumulam desvantagens linguísticas desde muito cedo, as quais tendem a se intensificar ao longo da escolarização (GREENWOOD et al., 2017). Esses

achados reforçam a compreensão de que dificuldades relacionadas à linguagem e à alfabetização não surgem de forma abrupta no início do Ensino Fundamental, mas são construídas gradativamente ao longo da primeira infância.

Nesse contexto, a leitura compartilhada, as cantigas, as rodas de conversa, as narrativas orais e as interações linguísticas intencionais assumem papel central na promoção do desenvolvimento da linguagem e na prevenção de desigualdades educacionais. Tais práticas, quando mediadas de forma consciente e planejada, favorecem a ampliação do repertório linguístico, o desenvolvimento da oralidade, a construção da consciência fonológica e o fortalecimento do vínculo entre criança e adulto.

Paralelamente, torna-se necessário problematizar os desafios contemporâneos da infância, especialmente no que se refere ao uso excessivo de telas e à redução das interações sociais. Pesquisas têm apontado que a substituição do diálogo, da brincadeira e da leitura por estímulos digitais compromete experiências fundamentais para o desenvolvimento neural e linguístico, podendo resultar em atrasos na fala, dificuldades de atenção e prejuízos na interação social (CHRISTAKIS et al., 2018).

Diante desse cenário, o presente artigo propõe uma reflexão aprofundada sobre o papel da leitura e das interações linguísticas no desenvolvimento da linguagem na Educação Infantil, articulando contribuições da neurociência, da psicopedagogia e das políticas públicas educacionais brasileiras. Ao considerar tanto evidências científicas quanto a experiência empírica da autora, busca-se compreender como práticas pedagógicas intencionais podem promover ambientes linguísticos ricos e favorecer o desenvolvimento integral da criança desde os primeiros anos de vida.

2 O desenvolvimento da linguagem do nascimento aos cinco anos

O desenvolvimento da linguagem inicia-se desde o nascimento, antes mesmo da produção das primeiras palavras. Bebês demonstram sensibilidade à voz humana, à entonação e ao ritmo da fala, estabelecendo as bases das habilidades pré-linguísticas, como o balbucio, a atenção conjunta e a alternância de turnos comunicativos. Essas habilidades iniciais são fortemente influenciadas pela qualidade das interações estabelecidas entre o bebê e os adultos responsáveis por seus cuidados.

Durante os primeiros meses de vida, a comunicação ocorre predominantemente por meio de expressões faciais, gestos, vocalizações e respostas afetivas. A responsividade do adulto — isto é, a capacidade de perceber, interpretar e responder de forma adequada às manifestações da criança — exerce papel fundamental nesse processo. Bebês que recebem respostas contingentes, escuta sensível e estímulos verbais frequentes tendem a desenvolver com maior rapidez as bases da comunicação e da linguagem oral.

Entre um e três anos de idade, observa-se uma rápida expansão do vocabulário e o início da organização sintática da fala. A criança passa a nomear objetos, pessoas e ações, formando progressivamente frases mais complexas. Nesse período, as interações verbais frequentes, as narrativas, as brincadeiras simbólicas e as experiências sonoras tornam-se fundamentais para o desenvolvimento da oralidade. A qualidade das interações, mais do que a simples exposição à linguagem, revela-se determinante para a ampliação do repertório linguístico.

Dos três aos cinco anos, a criança amplia significativamente suas habilidades narrativas, sua consciência dos sons da fala e sua capacidade de utilizar a linguagem de forma mais elaborada. Passa a relatar experiências, recontar histórias, formular perguntas e expressar opiniões, preparando-se para o processo de alfabetização. Essas conquistas linguísticas estão diretamente relacionadas às oportunidades de interação social, ao diálogo com adultos e pares e às práticas pedagógicas intencionais desenvolvidas na Educação Infantil.

A Base Nacional Comum Curricular reconhece a linguagem como eixo estruturante do desenvolvimento infantil, destacando as interações e as brincadeiras como fundamentos das aprendizagens na Educação Infantil. O Currículo da Cidade de São Paulo, em consonância com a BNCC, reforça a centralidade das práticas de linguagem desde o berçário, valorizando a escuta, a fala, a leitura e

a expressão como dimensões indissociáveis do desenvolvimento da criança.

2.1 Marcos do desenvolvimento infantil de zero a cinco anos

Os marcos do desenvolvimento infantil constituem um conjunto de habilidades que a maioria das crianças atinge em determinadas faixas etárias, servindo como referência para o acompanhamento do desenvolvimento global. Embora o desenvolvimento infantil respeite diferentes ritmos, esses marcos permitem identificar possíveis atrasos e orientar intervenções precoces.

Do nascimento aos doze meses, predominam comportamentos comunicativos iniciais, como o sorriso social, os arrulhos, os balbucios e a atenção à voz humana. Entre um e dois anos, ocorre o surgimento das primeiras palavras e a ampliação do vocabulário. Dos três aos cinco anos, observa-se o desenvolvimento das habilidades narrativas, da consciência fonológica e da linguagem simbólica.

A observação sistemática desses marcos é fundamental para a identificação precoce de dificuldades no desenvolvimento. Estudos indicam que intervenções realizadas nos primeiros anos de vida apresentam maior eficácia, devido à elevada plasticidade cerebral característica desse período.

2.2 Neurodesenvolvimento na primeira infância

Os primeiros cinco anos de vida correspondem a um período de intensa plasticidade cerebral, no qual ocorre a formação de milhões de conexões neurais influenciadas pelas experiências vividas no ambiente. Aproximadamente 85% a 90% do cérebro humano se desenvolve nesse intervalo, tornando a infância particularmente sensível aos estímulos externos.

A linguagem desempenha papel central nesse processo, pois as interações verbais, a leitura compartilhada e as experiências sonoras contribuem para a organização dos circuitos neurais responsáveis pela comunicação, pela atenção e pela memória. Ambientes linguisticamente ricos favorecem o desenvolvimento cerebral saudável, enquanto contextos marcados por privação linguística podem comprometer esse desenvolvimento.

2.3 Desenvolvimento cerebral e capacidades cognitivas na primeira infância

O desenvolvimento cerebral na primeira infância constitui a base estrutural e funcional para a aquisição da linguagem, da cognição e das habilidades socioemocionais. Do nascimento aos cinco anos de idade, o cérebro humano apresenta elevada plasticidade, caracterizada pela intensa formação e reorganização de conexões neurais, processo fortemente influenciado pelas experiências vividas no ambiente. Nesse período, as interações sociais, a linguagem dirigida à criança, a leitura compartilhada e as experiências sensoriais exercem papel decisivo na organização do funcionamento cerebral.

Estudos da neurociência indicam que aproximadamente 85% a 90% do desenvolvimento cerebral ocorre nos primeiros cinco anos de vida, sendo os primeiros mil dias particularmente sensíveis aos estímulos externos. As experiências precoces não apenas ampliam ou limitam o repertório linguístico da criança, mas também estruturam capacidades cognitivas fundamentais, como atenção, memória, pensamento simbólico e funções executivas.

As capacidades cognitivas desenvolvem-se de forma integrada à linguagem. A atenção compartilhada, por exemplo, surge a partir das interações iniciais entre adulto e bebê, quando ambos direcionam o olhar e o interesse para um mesmo objeto ou situação. Essa habilidade constitui um dos pilares para o desenvolvimento da linguagem e da aprendizagem, pois permite à criança compreender intenções comunicativas, ampliar o vocabulário e construir significados.

A memória, especialmente a memória de trabalho, também se desenvolve intensamente na primeira infância e está diretamente relacionada às experiências linguísticas. Crianças expostas a narrativas, cantigas, histórias e conversas frequentes demonstram maior capacidade de retenção de informações, organização do pensamento e evocação de experiências. Essas habilidades são fundamentais para o desenvolvimento da linguagem oral e, posteriormente, para a aprendizagem da leitura e da escrita.

Outro aspecto central do desenvolvimento cognitivo diz respeito às funções executivas, conjunto de habilidades que envolve

controle inibitório, flexibilidade cognitiva e planejamento. Essas funções começam a se estruturar ainda na Educação Infantil e são profundamente influenciadas pela qualidade das interações sociais e das práticas pedagógicas. Ambientes educativos que favorecem o diálogo, a escuta, a resolução de problemas e a brincadeira simbólica contribuem significativamente para o fortalecimento dessas capacidades.

O pensamento simbólico, que emerge de forma mais evidente a partir dos dois anos de idade, permite à criança representar o mundo por meio da linguagem, do faz de conta e das narrativas. Ao brincar simbolicamente, ouvir histórias e participar de rodas de conversa, a criança organiza o pensamento, amplia sua capacidade de abstração e desenvolve competências cognitivas essenciais para a aprendizagem escolar.

Nesse contexto, a linguagem assume papel organizador do pensamento e mediador das funções cognitivas. A criança não apenas se comunica por meio da linguagem, mas pensa, planeja e regula suas ações a partir dela. A ausência de interações linguísticas significativas pode comprometer esse processo, resultando em dificuldades cognitivas, comunicativas e socioemocionais ao longo do desenvolvimento.

A Base Nacional Comum Curricular reconhece essa integração entre linguagem, cognição e desenvolvimento ao enfatizar que as aprendizagens na Educação Infantil devem ocorrer por meio de interações e brincadeiras significativas. O Currículo da Cidade de São Paulo reforça essa perspectiva ao valorizar práticas pedagógicas que promovam a escuta, a fala, a imaginação e a expressão como elementos centrais do desenvolvimento infantil.

Do ponto de vista psicopedagógico, compreender o desenvolvimento cerebral e as capacidades cognitivas na primeira infância permite uma leitura mais ampla do processo de aprendizagem da criança. Dificuldades na linguagem, na atenção ou na memória não devem ser analisadas de forma isolada, mas como parte de um sistema integrado, fortemente influenciado pelas experiências vividas nos primeiros anos de vida.

Assim, investir em práticas pedagógicas intencionais que promovam a leitura compartilhada, as cantigas, as narrativas orais e as interações sociais de qualidade constitui não apenas uma estratégia para o desenvolvimento da linguagem, mas uma ação fundamental para a consolidação das capacidades cognitivas e para a promoção do desenvolvimento integral da criança na Educação Infantil.

3 Leitura compartilhada como prática pedagógica

A leitura compartilhada configura-se como uma das práticas pedagógicas mais potentes para o desenvolvimento da linguagem na primeira infância. Trata-se de uma experiência interativa e dialógica, na qual a criança participa ativamente da construção de sentidos, ampliando seu repertório linguístico e simbólico.

A BNCC e o Currículo da Cidade de São Paulo orientam que a leitura esteja presente desde o berçário, mediada de forma intencional pelo educador. Estudos indicam que a leitura em voz alta favorece a ampliação do vocabulário, o desenvolvimento da oralidade e o interesse pela linguagem escrita.

Autores como Ferreiro e Teberosky destacam que a criança constrói hipóteses sobre a escrita a partir de suas experiências sociais com os textos, mesmo antes da alfabetização formal.

4 Cantigas, histórias e conversas no cotidiano da Educação Infantil

As cantigas, as histórias narradas oralmente e as conversas cotidianas constituem práticas fundamentais para o desenvolvimento da linguagem. As cantigas favorecem o ritmo, a memória verbal e a consciência fonológica, enquanto as histórias ampliam o repertório simbólico e a capacidade narrativa.

As conversas mediadas de forma intencional pelo educador ampliam significativamente as oportunidades de aprendizagem linguística, especialmente quando envolvem perguntas abertas, escuta ativa e valorização da fala da criança.

5 Família, interações sociais e ampliação do repertório linguístico

A família desempenha papel central no desenvolvimento infantil, especialmente nos primeiros anos de vida, período em que a criança estabelece suas primeiras experiências afetivas, sociais e linguísticas. Desde o nascimento, é no contexto familiar que a

criança vivencia as interações mais significativas, construindo vínculos de segurança emocional que servem de base para a exploração do mundo, para a aprendizagem e para o desenvolvimento da linguagem.

Observa-se, na prática cotidiana e em estudos científicos, que crianças cujas famílias mantêm rotinas de interação, diálogo e leitura demonstram maior repertório linguístico, maior iniciativa comunicativa e maior segurança para se expressar. A presença afetiva dos adultos, marcada por escuta sensível, contato visual, responsividade e disponibilidade emocional, favorece não apenas o desenvolvimento da linguagem, mas também o desenvolvimento cognitivo e socioemocional.

Não se trata de coincidência o fato de muitas crianças apresentarem avanços significativos em sua comunicação, comportamento e aprendizagem em contextos nos quais a família se faz presente de maneira ativa. Quando a criança se sente acolhida, protegida e emocionalmente segura, ela se arrisca mais, experimenta novas sensações, comunica-se com maior liberdade e aprende com mais facilidade. A segurança emocional oferecida pela família constitui, portanto, um dos pilares do desenvolvimento infantil.

A literatura aponta que os adultos representam modelos fundamentais para as crianças, funcionando como referências para a construção de comportamentos, atitudes e formas de comunicação. Quando pais e cuidadores demonstram interesse, afeto e envolvimento nas experiências da criança, esta se sente valorizada e encorajada a explorar o ambiente, interagir socialmente e desenvolver sua linguagem. Pequenos gestos cotidianos, como conversar, nomear objetos, cantar, contar histórias e ler para a criança, exercem impacto significativo no desenvolvimento linguístico e cognitivo.

As interações estabelecidas principalmente pela figura materna, ou por quem exerce esse papel de cuidado primário, são essenciais para a construção dos primeiros vínculos afetivos e para a organização emocional da criança. Momentos de amamentação, troca de fraldas, contato físico, olhar atento e fala direcionada ao bebê constituem experiências ricas em estímulos linguísticos e emocionais. Essas interações favorecem a construção da confiança, da comunicação e da capacidade da criança de se relacionar com o ambiente de forma segura.

Entretanto, o desenvolvimento infantil não se restringe à atuação materna. A presença de figuras paternas ou de outros adultos significativos exerce influência relevante no desenvolvimento da criança. Pesquisas indicam que a participação ativa do pai ou de uma figura masculina contribui para o desenvolvimento motor, cognitivo e socioemocional, uma vez que essas interações costumam estimular a exploração, a autonomia e a resolução de desafios. A diversidade de estilos interacionais enriquece as experiências da criança e amplia seu repertório de aprendizagem.

A leitura compartilhada no ambiente familiar destaca-se como uma das práticas mais eficazes para o desenvolvimento da linguagem e das capacidades cognitivas. Estudos apontam que dedicar um tempo diário para ler com a criança, desde os primeiros meses de vida, favorece o desenvolvimento da atenção, da memória, da linguagem, da resolução de problemas e das habilidades sociais. No entanto, os benefícios dessa prática estão diretamente relacionados à qualidade da interação, sendo fundamental que a leitura ocorra de forma afetiva, dialogada e prazerosa.

Ressalta-se que as crianças são sensíveis à intencionalidade dos adultos. Práticas realizadas de forma mecânica ou forçada tendem a perder seu potencial educativo. Quando o adulto se entrega verdadeiramente à interação, demonstrando interesse genuíno, afeto e disponibilidade, a criança percebe esse envolvimento e responde de forma mais positiva, ampliando suas possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento.

No contexto contemporâneo, observa-se que o tempo dedicado às interações familiares tem sido reduzido, muitas vezes substituído pelo uso excessivo de dispositivos digitais. Essa substituição compromete oportunidades fundamentais para o desenvolvimento da linguagem, uma vez que a linguagem se constrói nas trocas humanas, no diálogo, na escuta e na interação social. A redução desses momentos pode impactar

negativamente o desenvolvimento linguístico, cognitivo e emocional da criança.
Nesse cenário, a escola assume papel complementar e, em muitos casos, compensatório. A Educação Infantil torna-se um espaço privilegiado para a ampliação das experiências linguísticas, oferecendo oportunidades de interação, leitura compartilhada, rodas de conversa, cantigas e narrativas orais. Contudo, a atuação da escola não substitui o papel da família, mas deve estabelecer uma parceria, orientando e apoiando as famílias na promoção de práticas simples e eficazes de estímulo ao desenvolvimento da linguagem.
Assim, família e escola, em colaboração, constituem pilares fundamentais para o desenvolvimento infantil. A ampliação do repertório linguístico da criança depende da qualidade das interações vivenciadas em ambos os contextos, reforçando a importância de ambientes afetivos, dialógicos e linguisticamente ricos desde os primeiros anos de vida.

6 O papel do pedagogo, do psicopedagogo e da família no desenvolvimento da linguagem na primeira infância

O desenvolvimento da linguagem na primeira infância é um processo complexo, que envolve fatores biológicos, cognitivos, emocionais e sociais, sendo profundamente influenciado pelas interações estabelecidas nos contextos familiar e escolar. Nesse cenário, o papel do pedagogo, do psicopedagogo e da família revela-se fundamental para a promoção do desenvolvimento integral da criança e para a prevenção de dificuldades relacionadas à linguagem e à aprendizagem.
O pedagogo, enquanto profissional que atua diretamente no cotidiano da Educação Infantil, exerce papel central na mediação das interações linguísticas. O modo como o educador se comunica com a criança influencia diretamente o desenvolvimento da linguagem, uma vez que a criança aprende a falar, escutar e se expressar por meio das trocas sociais. Estilos linguísticos mais responsivos, dialógicos e acolhedores — caracterizados pela escuta atenta, pelo uso de perguntas abertas, pela reformulação da fala da criança e pela ampliação de suas produções verbais — favorecem interações mais ricas e eficazes, promovendo o desenvolvimento da oralidade e da comunicação.
Em contrapartida, estilos linguísticos excessivamente diretivos, nos quais o adulto controla a interação e limita os turnos de fala da criança, tendem a restringir as oportunidades de participação e expressão, podendo impactar negativamente o desenvolvimento da linguagem. A postura do pedagogo como mediador sensível, que valoriza a fala da criança e cria contextos significativos de interação, constitui, portanto, um elemento essencial na Educação Infantil.
Além disso, o pedagogo desempenha papel estratégico na observação cotidiana do desenvolvimento infantil. Por estar em contato constante com as crianças, esse profissional é capaz de identificar sinais iniciais de dificuldades na linguagem, na comunicação, na atenção ou na interação social. Essa observação atenta permite que intervenções pedagógicas sejam planejadas de forma precoce, respeitando o ritmo de desenvolvimento de cada criança e evitando a cristalização de dificuldades ao longo da escolarização.
Nesse contexto, o psicopedagogo assume função complementar e especializada, contribuindo para a compreensão dos processos de aprendizagem e para a análise das dificuldades que podem emergir na primeira infância. A atuação psicopedagógica não se restringe à intervenção em dificuldades já instaladas, mas envolve ações preventivas, voltadas à promoção do desenvolvimento saudável da linguagem, da cognição e das habilidades socioemocionais.
O psicopedagogo atua de forma integrada, considerando a criança em sua totalidade e analisando os fatores que interferem em seu processo de aprendizagem. Na primeira infância, essa atuação é particularmente relevante, uma vez que intervenções realizadas nos primeiros anos de vida apresentam maior eficácia devido à elevada plasticidade cerebral. Ao identificar precocemente dificuldades na linguagem, na atenção ou na interação social, o psicopedagogo pode orientar práticas pedagógicas e familiares que favoreçam o desenvolvimento infantil.
A parceria entre pedagogo e psicopedagogo possibilita a construção de estratégias mais eficazes de apoio à criança, promovendo

práticas educativas intencionais e ajustadas às suas necessidades. Essa atuação articulada contribui para evitar encaminhamentos precipitados ou diagnósticos equivocados, especialmente em um contexto no qual dificuldades decorrentes de privação de interações, uso excessivo de telas ou estímulos inadequados podem ser confundidas com transtornos do neurodesenvolvimento.

A família, por sua vez, constitui o primeiro e mais significativo contexto de desenvolvimento da criança. As experiências vivenciadas no ambiente familiar exercem influência direta sobre o desenvolvimento da linguagem, da cognição e da afetividade. Quando a família estabelece rotinas de diálogo, leitura compartilhada, escuta sensível e interação afetiva, cria-se um ambiente propício para o desenvolvimento linguístico e emocional da criança.

O envolvimento da família no processo educativo é essencial para potencializar as ações desenvolvidas pela escola e pelo psicopedagogo. A orientação às famílias sobre práticas simples, como conversar com a criança, nomear objetos, contar histórias, cantar cantigas e limitar o uso de telas, contribui significativamente para a ampliação do repertório linguístico e para a prevenção de dificuldades no desenvolvimento.

Dessa forma, o desenvolvimento da linguagem na primeira infância não pode ser compreendido como responsabilidade exclusiva da escola ou da família, mas como resultado de uma atuação integrada entre pedagogo, psicopedagogo e família. Essa parceria fortalece o desenvolvimento infantil, promove intervenções precoces e contribui para a construção de trajetórias educacionais mais equitativas e inclusivas desde os primeiros anos de vida.

7 Uso excessivo de telas e impactos no desenvolvimento infantil

O uso excessivo de telas na primeira infância tem sido associado a uma série de consequências negativas para o desenvolvimento da criança, de natureza linguística, cognitiva, comportamental e social. Estudos epidemiológicos e longitudinais têm mostrado que maiores níveis de exposição a dispositivos digitais estão correlacionados com atrasos no desenvolvimento da linguagem, dificuldades de atenção, déficits cognitivos e manifestações comportamentais que se assemelham a sintomas de transtornos do neurodesenvolvimento.

Pesquisas sugerem que, quanto mais tempo as crianças pequenas passam diante de telas, maior a probabilidade de apresentarem atrasos em habilidades de comunicação e de resolução de problemas nos anos subsequentes. Por exemplo, um estudo envolvendo mais de 7.000 crianças encontrou que aqueles expostos a quatro ou mais horas diárias de tela aos 1 ano de idade apresentaram risco significativamente maior de atrasos em comunicação e habilidades de resolução de problemas aos 2 e aos 4 anos de idade, quando comparados a crianças com exposição menor. JAMA Network

Além disso, diversos estudos observacionais documentam que cada adicional de tempo de tela está associado a maior probabilidade de atraso na linguagem expressiva e receptiva. Uma análise descobriu que cada 30 minutos extras por dia de uso de mídia digital estava ligado a maiores chances de atraso no desenvolvimento da fala em crianças pequenas. PMC

A literatura também tem relatado associações preocupantes entre altas quantidades de tela e sintomas comportamentais semelhantes aos observados em transtornos como TDAH e comportamentos autistas. Crianças com maior tempo de exposição a telas na primeira infância tendem a apresentar maior impulsividade, menor capacidade de manter a atenção e aumento de comportamentos estereotipados ou pouco responsivos socialmente, características que podem ser confundidas com diagnósticos de transtornos do neurodesenvolvimento. PMC+1

É importante destacar que, embora não exista consenso científico de que as telas causam transtorno do espectro autista (TEA), investigações indicam que a exposição excessiva a telas pode estar associada a sintomas que imitam características do TEA, interferindo no desenvolvimento social e comunicativo de crianças pequenas. Em alguns casos, isso pode levar a diagnósticos equivocados ou a uma agravamento de sinais que já poderiam estar emergindo, dificultando a diferenciação clínica correta. JAMA Network+1

Esse impacto negativo se explica em parte porque a exposição a telas substitui experiências de interação face a face, que são fundamentais para a aquisição da linguagem, a aprendizagem social e a construção de repertório cognitivo. Um estudo identificou que, em crianças pequenas, cada minuto adicional de exposição a telas estava associado a uma redução significativa no número de palavras proferidas pela criança, no número de palavras ouvidas e no número de conversas espontâneas entre criança e adulto. Esses efeitos cumulativos podem reduzir de forma substancial a quantidade de estímulos linguísticos ricos aos quais a criança normalmente seria exposta em interações humanas diretas. The Guardian

Organizações internacionais de saúde, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), recomendam que crianças menores de 2 anos não sejam expostas a telas e que, entre 2 e 5 anos, o tempo de uso não ultrapasse 1 hora por dia, sob supervisão de um adulto, justamente para proteger o desenvolvimento do cérebro e da linguagem. Revista de Implantologia e Saúde

Dessa forma, o uso excessivo de telas na primeira infância representa não apenas um desafio à aquisição da linguagem e às capacidades cognitivas emergentes, mas também um fator de risco significativo para o desenvolvimento saudável da criança. A substituição de interações humanas por estímulos digitais compromete experiências fundamentais que deveriam ser mediadas por adultos, como o diálogo, a leitura compartilhada, o jogo simbólico e a exploração sensorial do ambiente — práticas essenciais para a construção de estruturas neurais que sustentam a linguagem, a atenção, a memória e a autorregulação emocional.

9 Considerações finais

As evidências científicas analisadas ao longo deste artigo, aliadas à prática pedagógica vivenciada na Educação Infantil, convergem ao indicar que o desenvolvimento da linguagem na primeira infância se constrói fundamentalmente nas interações humanas. Desde os primeiros meses de vida, é por meio do diálogo, da escuta sensível, da leitura compartilhada, das cantigas e das narrativas que a criança organiza o pensamento, amplia seu repertório linguístico e constrói significados sobre o mundo que a cerca.

A análise dos estudos e documentos normativos evidencia que a linguagem não pode ser compreendida como um processo isolado ou exclusivamente individual, mas como um fenômeno social, cultural e afetivo, profundamente influenciado pela qualidade das interações vivenciadas nos contextos familiar e escolar. Ambientes linguisticamente ricos, marcados por interações dialógicas e afetivas, favorecem não apenas o desenvolvimento da linguagem, mas também das capacidades cognitivas, socioemocionais e das funções executivas, fundamentais para a aprendizagem ao longo da vida.

Ao longo da discussão, destacou-se o papel estratégico da Educação Infantil como espaço privilegiado para a promoção do desenvolvimento integral da criança e para a prevenção de desigualdades educacionais. Práticas pedagógicas intencionais, como a leitura desde o berçário, as rodas de conversa, as cantigas e as narrativas orais, quando mediadas por educadores sensíveis e conscientes de seu papel linguístico, contribuem significativamente para a ampliação do repertório comunicativo das crianças, especialmente daquelas que não dispõem de ambientes estimulantes em seus contextos familiares.

Evidenciou-se, ainda, que os desafios contemporâneos, como o uso excessivo de telas e a redução das interações humanas, têm impactado negativamente o desenvolvimento da linguagem e do neurodesenvolvimento infantil. Esses fatores reforçam a necessidade de uma atuação preventiva e integrada entre escola, família e profissionais especializados, evitando a medicalização precoce e diagnósticos equivocados de dificuldades que, muitas vezes, decorrem de privação de experiências interacionais significativas.

Nesse contexto, o papel do pedagogo, do psicopedagogo e da família mostrou-se fundamental. A atuação articulada desses agentes possibilita a observação atenta dos marcos do desenvolvimento infantil, a identificação precoce de possíveis dificuldades e a construção de estratégias educativas que respeitem o ritmo e as singularidades da criança. A psicopedagogia, ao contribuir para a compreensão dos processos de aprendizagem

desde a primeira infância, amplia as possibilidades de intervenção precoce e de promoção do desenvolvimento saudável.

Conclui-se que investir na qualidade das interações, na valorização da linguagem e na construção de ambientes afetivos, dialógicos e culturalmente ricos na Educação Infantil constitui uma estratégia essencial para o desenvolvimento pleno da criança. Ao reconhecer a linguagem como eixo estruturante da aprendizagem e da constituição subjetiva, reafirma-se a importância de políticas públicas, práticas pedagógicas e ações familiares comprometidas com a infância, garantindo às crianças o direito de se desenvolverem integralmente desde os primeiros anos de vida.

Referencias Bibliográfica

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2017.

BUS, A. G.; VAN IJZENDOORN, M. H.; PELLEGRINI, A. D. Joint book reading makes for success in learning to read: A meta-analysis on intergenerational transmission of literacy. Review of Educational Research, Washington, v. 65, n. 1, p. 1–21, 1995.

CHRISTAKIS, D. A.; RAMASUBBU, K.; RAMAN, S. Associations between media use and language development in young children. JAMA Pediatrics, Chicago, v. 172, n. 11, p. 1077–1083, 2018.

DAMASCENO, C. S.; DAMASCENO, A. C. S.; LIMA, E. S.; COSTA, M. R. N. Aquisição da linguagem na Educação Infantil: uma análise das práticas pedagógicas de acordo com os campos de experiências da BNCC. In: CONBRALE – Alfabetização, Linguagens e Letramentos. Anais... 2022. DOI: 10.46943/IV.CONBRALE.2022.01.000.

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1993.

GREENWOOD, C. R.; THOMAS, K.; WALKER, D.; CARTER, D. Conceptualizing a public health prevention intervention for bridging the 30 million word gap. Clinical Child and Family Psychology Review, New York, v. 20, n. 1, p. 3–24, 2017.

HART, B.; RISLEY, T. Meaningful differences in the everyday experience of young American children. Baltimore: Paul H. Brookes Publishing, 1995.

MADIGAN, S.; MCKEEVER, R.; RACINE, N.; BROWNE, D.; POIRIER, M.; TOUGH, S. Association between screen time and children's performance on a developmental screening test. JAMA Pediatrics, Chicago, v. 173, n. 3, p. 244–250, 2019.

OLIVEIRA, K. R. S.; BRAZ-AQUINO, F. S.; SALOMÃO, N. M. R. Desenvolvimento da linguagem na primeira infância e estilos linguísticos dos educadores. Avances en Psicología Latinoamericana, Bogotá, v. 34, n. 3, p. 473–487, 2016. DOI: 10.12804/apl34.3.2016.0.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age. Geneva: WHO, 2019.

SANTOS, M. E. A.; QUINTÃO, N. T.; ALMEIDA, R. X. Avaliação dos marcos do desenvolvimento infantil segundo a estratégia da atenção integrada às doenças prevalentes na infância. Escola Anna Nery, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 591–598, 2010.

SÃO PAULO (SP). Currículo da Cidade: Educação Infantil. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2019.

SHONKOFF, J. P.; PHILLIPS, D. A. (org.). From neurons to neighborhoods: The science of early childhood development. Washington, DC: National Academy Press, 2000.

UNICEF. Early childhood development. New York: United Nations Children's Fund, 2017.

UNICEF. The first 1,000 days of life. New York: United Nations Children's Fund, 2020.